



## O MERCADO CARIOCA DE ROUPAS DE BANHO DE MAR SEGUNDO O ALMANAK LAEMMERT (1844-1912)

*The Carioca Bathing Costume Market through Almanak Laemmert (1844-1912)*

Martins, Giselle Barreto; Mestre; Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, gisellebarretomartins@yahoo.com.br<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo trás informações sobre nove estabelecimentos que fabricavam e/ou comercializavam roupas para banhos de mar na cidade do Rio de Janeiro durante a segunda metade do século XIX e início do século XX. Utiliza como fonte de pesquisa o *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, também conhecido como *Almanak Laemmert*, considerado um marco do mercado editorial brasileiro.

**Palavras chave:** Almanak Laemmert; Rio de Janeiro; roupas de banho de mar.

**Abstract:** This article brings information about nine bathing suit manufactures and/or traders from Rio de Janeiro city during the second half of 19<sup>th</sup> century and the beginning of 20<sup>th</sup> century. It uses as a research source the *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*, also known as *Almanak Laemmert*, considered a landmark of the Brazilian publishing market.

**Key words:** Almanak Laemmert; Rio de Janeiro; bathing suits.

### Banho de mar para a saúde no Rio de Janeiro

O banho de mar, adotado pela *boa sociedade*<sup>2</sup> carioca ao longo do século XIX, baseou-se na vilegiatura marítima, difundida entre a nobreza e a alta burguesia europeias a partir de meados do século XIX. Sua origem

<sup>1</sup> Mestre em Design pela Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), integrando a linha de pesquisa de História do Design, é professora substituta da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e docente de design gráfico do Instituto Europeo Di Design do Rio de Janeiro (IED Rio).

<sup>2</sup> No século XIX, o termo *boa sociedade* referia-se à parcela da população que adotou “valores e modos europeus” (RAINHO, 2002, p. 14-15).





remonta ao termalismo, ao resgate de referências greco-romanas da antiguidade e a estudos médico-científicos iniciados no século XVII. Conjugando benefícios à saúde proporcionados pelos banhos frios ao caráter antisséptico da água naturalmente salgada, os banhos de mar visavam o tratamento de diversas doenças físicas e emocionais, através uma série personalizada de imersões (CORBIN, 1989, p. 75-82).

No Brasil, sua difusão se deu a partir da chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro, em 1808, sendo uma entre as tantas atividades que transformariam o modo de vida das elites locais. Adequar-se aos padrões de refinamento e controle dos impulsos necessários ao convívio com as novas esferas de poder, consideradas mais civilizadas, tornava-se essencial (RAINHO, 2002, p. 14-15).

No Rio de Janeiro, para banhos de mar, havia uma barca própria, atracada em frente ao Paço, pelo menos desde 1811. Além da possibilidade de alugar uma propriedade fora do núcleo central da cidade, em praias como Botafogo, São Diogo, Flamengo, Ponta do Caju, Lapa ou Boa Viagem, em Niterói, cujas águas não estavam poluídas pelos detritos produzidos pela população (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, 1811, p. 4; 22 fev. 1812; 22 jun. 1812; 15 jan. 1817; 28 mar. 1818; 14 out. 1818; 27 jan. 1819; FREYRE, 1985, p. 195).

Nas comunicações da barca de banhos “comodidade, segurança e decência” eram atributos que recebiam destaque, sendo garantidos pela separação obrigatória entre os sexos nos banhos. Os homens só poderiam se banhar com suas esposas se fizessem uma assinatura mensal, evitando que os camarotes fechados fossem utilizados para encontros amorosos ilícitos (GAZETA DO RIO DE JANEIRO, n. 1, 1811, p. 4; n. 76, 1812, p. 4). Preocupação semelhante se estendiam à roupa, que deveria ser confeccionada em tecidos pesados e de cores escuras para evitar que transparências reveladoras e a adesão excessivamente ao corpo quando molhado. Apesar dos



esforços moralizadores, flagrantes de banhistas nus foram frequentes ao longo do século XIX e início do século XX, mesmo havendo, desde 1838, um código de posturas da Câmara Municipal que proibia o banho nu. Ao menos nos banhos de mar, o *processo civilizador*, não se daria sem conflitos (ELIAS, 2011).

### **O banho de mar no *Almanak Laemmert***

A principal fonte de pesquisa para este artigo foi o *Almanak Laemmert*, nome popular do *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte do Rio de Janeiro*. Em sua acepção moderna, os almanaques são publicações de consulta ágil e fácil que trazem, além do calendário do ano, uma grande variedade de informações úteis sobre os mais diversos assuntos.

Publicação anual da carioca *Typographia Universal*, dos irmãos germânicos Eduardo e Henrique Laemmert, o *Almanak Laemmert* foi um sucesso editorial para sua época. Sua primeira edição foi lançada em 1844 e, a partir de então, circulou regularmente sob a responsabilidade de seus donos originais, seus sócios ou seus familiares, por quase sete décadas, até ser vendido para terceiros em 1912, ano em que também se interrompe esta pesquisa. Sua distribuição alcançava quase todo o território nacional, além de países como Alemanha, Estados Unidos, França, Inglaterra e Portugal. O almanaque recebia um luxuosa encadernação em capa dura e era adquirido avulso ou por assinatura, (DONEGÁ, 2012, p. 24; LIMEIRA, 2007, p. 33-37).

O *Almanak Laemmert* oferecia grande quantidade e variedade de informações úteis para a vida cotidiana e os negócios na corte e nas províncias, sendo que a pesquisa se concentrou principalmente nos anúncios da seção *Notabilidades* e nas relações de indústrias, comércios, produtos e serviços (ALMANAK LAEMMERT, 1889, p. VI). O acesso ao periódico se deu através dos sites da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, onde foi utilizando como





filtro o termo *banhos*, e do Center for Research Libraries.

Primeiramente, foi feito o levantamento dos estabelecimentos de banhos de mar em cada edição, que demonstrou um aumento na oferta desse tipo de serviço no Rio de Janeiro, ao longo do período estudado. Nas primeiras décadas, o único serviço do tipo era a barca de banhos, número que aumentou a partir dos anos 1880. Na edição de 1888, por exemplo, já haviam quatro empresas que afirmavam oferecer banhos de mar. Além disso, a partir da edição para 1882, o título da lista de estabelecimentos de banhos mudou de *Banhos Públicos*, mais genérico, para *Banhos de Mar e Água Doce*.

### **Roupas para banho de mar no *Almanak Laemmert***

O almanaque mostrou-se um fonte rica em informações sobre o comércio e fabricação de roupas de banho, artigo comercializado e fabricado por empresas de roupas prontas especializadas em roupas brancas, como eram chamadas as roupas íntimas na época. O termo roupas prontas referia-se a peças de vestuário e acessórios comercializadas a preços mais acessíveis, atendendo a uma parcela mais ampla da população. Esse tipo de confecção conseguia baratear os custos de produção pela agilidade de fabricação, através da simplificação dos acabamentos, o uso da máquina de costura, a racionalização das operações e a confecção de peças que permitiam certa padronização (VOLPI, 2018, p. 101-106). Foram identificados nove empresas de roupas de banho, apresentadas a seguir por ordem alfabética.

#### **1. A. DE ALMEIDA**

PROPRIETÁRIO: A. de Almeida, ex-sócio e sucessor casa de Freire & C.

ENDEREÇO(S): Rua de São José, 36 – Centro

A empresa, mais afastada do eixo do comércio de luxo no Rio de Janeiro





dos anos 1800, dedicava-se a importação e comércio de “roupa feita para homens e meninos”. Com roupas de banho, atendia apenas aos meninos, oferecendo ceroulas e camisas de meia que certamente compunham os enxovais para colégios, uma de suas especialidades. Seus produtos eram comprados em Londres e Paris, através de equipe própria ou agentes.

Fonte: *Notabilidades* (1864, p. 30).

## 2. À LA VILLE DE BRUXELLES

PROPRIETÁRIA: Madame C. Creten & C.

ENDEREÇO(S): Rua de Ouvidor, 70 – Centro, esquina da Rua Gonçalves Dias, em frente ao ponto dos bondes de Botafogo.

A empresa, localizada no epicentro do comércio de elegante da capital, tinha seu nome e o de sua proprietária em francês, o que lhe conferia ares cosmopolitas, pois então Paris era o grande centro internacional da moda e do luxo. Assim como os magazines franceses, *À La Ville de Bruxelles* fazia questão de destacar que trabalhava com preços fixos e que possuía oficina de costura própria, que lhe permitia fabricar peças sob-medida. “Vestimentas para banhos, roupões, camisolas e lençóis felpudos” atendiam às necessidades dos curistas.

Fonte: *Notabilidades* (1876, p. 116).

## 3. BARROS ARAUJO & C.

PROPRIETÁRIO: Barros Araujo & C.

ENDEREÇO: Rua do Ouvidor, 84 – Centro

Fonte: *Roupas para Banhos* (1895, p. 923; 1896, p. 1007; 1898, p. 584).

## 4. CAMISARIA AMERICANA

PROPRIETÁRIO: L. de Barros Freire

ENDEREÇO: Rua do Ouvidor, 125 A (canto da Rua Gonçalves Dias) – Centro





A casa, que tinha como símbolo um leão segurando um brasão com seu monograma, tinha como carro-chefe a roupa branca para homens e senhoras, meninos e meninas, oferecendo camisas e ceroulas sob-medida. Também se dizia especializada em “roupas e mais artigos para banhos de mar”.

Fontes: *Industriais e Profissionais do Brasil* (1900, p. 1139); *Notabilidades Comerciais* (1901, p. 978).

#### **5. CAMISARIA FRANCEZA, antiga casa Villan & C.**

PROPRIETÁRIO: Dutrain Villan Falque & C., sucessor de Villan & C.

ENDEREÇO: Rua do Ouvidor, 75 – Centro

Trabalhava com “vendas por atacado e varejo”. Referências à França presentes em seu nome e em seu modelo de vendas, “a preço fixo” e por “dinheiro à vista”.

Fontes: *Notabilidades Comerciais* (1891, p. 1932).

#### **6. CAMISARIA OUVIDOR, antiga casa Barbosa & C.**

PROPRIETÁRIO: Barbosa & C., sucedendo Campos & Barbosa (fundadores).

ENDEREÇO: Rua do Ouvidor, 134 A – Centro, esquina com Rua Uruguaiana, 84

O “grande empório de roupa branca”, fundado por Campos & Barbosa em 1864, passou a se chamar *Camisaria Ouvidor* na edição de 1905. Entre as mercadorias variadas estavam “roupas, toucas e sapatos para banhos”.

Fontes: *Notabilidades* (1891, p. 2136; 1893, p. 2030); *Notabilidades do Distrito Federal* (1908, p. 337).

#### **7. CASA DO RUAS**

ENDEREÇO: Rua da Quitanda, 12 A – Centro

Fontes: *Roupas para Banhos* (1896, p. 1007).

#### **8. G. ALFRED NICOUD, antiga *Au Gagne Petit***

ENDEREÇO(S): Rua da Quitanda, 28<sup>3</sup> – Centro, com filial na Rua Christovão

<sup>3</sup> Antes passara pelos n. 31 e 34, conforme mostram as edições de 1879 e 1869, respectivamente (N. A.).





Colombo, s/n, atual Rua 2 de Dezembro, transversal à praia do Flamengo.

PROPRIETÁRIO(S): G. Alfred Nicoud, antecedido por Carlos Saraillier.

Seus anúncios aparecem na seção *Notabilidades* desde 1859, quando, ao que parece, ainda não comercializava roupas para banho de mar. Na época, Carlos Saraillier estava à frente do negócio, sendo sucedido G. Alfred Nicoud por volta de 1869. De acordo com a edição de 1891, foi fundada em 1º de janeiro de 1853, embora até a edição de 1886 conste o ano de 1860.

O nome *Au Gagne Petit*, expressão francesa traduzida como “Ao Pequeno Lucro”, espelha uma das características dos comerciantes e fabricantes de roupas prontas: artigos a preços competitivos, indicando sintonia com práticas comerciais modernas. A aceita pedidos de negociantes do interior e fazendeiros, a varejo e por atacado com desconto. Seus fornecedores localizavam-se em Paris, Londres, Hamburgo e Nova York, de onde recebia mercadorias “especialmente fabricadas” para a empresa (1869, p. 26).

Sob a direção de G. Alfred Nicoud & C., converteu-se inicialmente em uma “loja especial de meias”, passando a exibir nos anúncios em *Notabilidades* um clichê de um par de meias. Dizia ser “a mais antiga [casa] nesta especialidade no Império do Brasil” (1869, p.26) e “o maior empório de meias e fazendas de meia da América do Sul” (1875, p. 105). Entretanto, seu sortimento de produtos não se limitava às meias, incluindo roupa branca, fantasias, além de “ceroulas e costumes para banhos para senhoras, homens e crianças, de meia de lã, algodão e flanela” (1869, p. 26; 1875, p. 105).

A partir da edição para o ano de 1879 (p. 83), aparece pela primeira vez uma referência a artigos fabricados por G. Alfred Nicoud, no caso, roupas para banho de mar. Seus anúncios passam a destacar a seguinte informação: “Fabrica nacional de roupas para banhos de mar”, que nas próximas edições do almanaque aparecerá em tipografia ainda maior (1886, p. 933; 1891, p. 1907).



A partir da edição de 1885, “lençóis, capas e toalhas de felpo, sapatos, toucas de borracha e encerado” são acessórios para banhos que integram seus estoques. Além disso, roupas de banho para homens, senhoras e crianças poderiam ser encomendadas sob-medida, ficando prontas em apenas 24 horas. Então, a casa não mais utiliza seu nome original: *Au Gagne Petit* (1885, p. 2105; 1886, p. 933; 1891, p. 1907). Na edição para o ano de 1895, a empresa anuncia sua liquidação, tendo o sócio Paul E. Nicoud como liquidante, e aparece pela última vez no almanaque de 1898, com o nome de Paul E. Nicoud.

Fontes: *Notabilidades* (1859, p. 38; 1869, p. 26; 1875, p. 105; 1885, p. 2105; 1886, p. 933; 1891, p. 1907); *Negociantes de modas* (1879, p. 829); *Roupas para banhos* (1895, p. 923; 1898, p. 584).

## 9. MENDES FERREIRA & C.

ENDEREÇO(S): Rua da Quitanda, n. 30 – Centro.

PROPRIETÁRIO(S): Cesar Augusto Mendes.

Artigos para banho de mar faziam companhia a um “completo sortimento de miudezas de armarinho, modas, fazendas e roupas brancas” (1894, p. 109).

Fonte: *Indicador* (1894, p. 109).

### Considerações finais

Ao analisar as informações do *Almanak Laemmert* foi possível concluir que:

- Somente a partir dos anos 1880 o banho de mar se incorporou definitivamente ao rol de atividades de amplo interesse para a população carioca em geral, fazendo com que as roupas de banhos ganhassem espaço exclusivo no almanaque e destaque nas propagandas dos estabelecimentos fabricantes de roupas brancas. Sendo possível que, antes mesmo dessa época, tais empresas já trabalhassem com roupas de banho, mas não dessem destaque a esse tipo de artigo devido à demanda ainda ser relativamente restrita;







- Todas as empresas citadas também atuavam no ramo de roupas brancas, pois a forma das roupas de banho guardavam semelhança com a de peças íntimas, como ceroulas, toucas e camisas, o que acontece ainda hoje;

- A grande pioneira na venda e fabricação de roupas de banho de mar no Rio de Janeiro foi a *Fábrica Nacional de Roupas para Banhos*, integrante da firma de *G. Alfred Nicoud*. Inclusive, oferecia o serviço de confecção de roupa de banho sob-medida em 24 horas. Esteve presente no almanaque antes mesmo de oferecer um espaço específico para roupas de banho, o que só aconteceu em 1885. Citada em todas as edições até 1898, publicou anúncios na seção *Notabilidades* com frequência. A empresa acompanhou a expansão da cidade em direção à Zona Sul, abrindo uma filial próxima às casas de banho de mar do Flamengo;

- Cinco das empresas estavam localizadas na Rua do Ouvidor, coração do comércio de luxo carioca no século XIX, e três na Rua da Quitanda, uma de suas transversais. Apenas uma estava na Rua São José, próxima ao Paço. *À La Ville de Bruxelles*, *Camisaria Francesa*, *Camisaria Americana* e *G. Alfred Nicoud* possuíam oficinas de costura próprias, enquanto as demais trabalhavam com produtos importados. Coincidentemente, essas são as quatro empresas que utilizavam expressões em francês ou referências a países como França e Estados Unidos no nome para mostrar distinção. O serviço de confecção sob medida, garantia uma clientela mais requintada, que pagava mais por produtos de melhor qualidade;

- Entre as roupas e acessórios para banho de mar citados estão ceroulas; vestimentas de banho, também chamadas de costumes de banho; camisas de meia; toucas; roupões, capas e toalhas; roupões e sapatos; camisolas e lençóis felpudos;

- Entre os tecidos, meia de lã, algodão e flanela para as roupas; felpo para peças que serviam para secar o corpo e abrigá-lo do frio após a saída da água; materiais impermeáveis, como borracha e encerado, para toucas que guardavam



os cabelos da água do mar; e sapatos para proteger os pés durante o mergulhos.

## Referências

ALMANAK LAEMMERT = Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e da Província do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typographia Universal, 1844-1889. Disponível em: <<http://www-apps.crl.edu/brazil/almanak>> e <<http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

CORBIN, Alain. *O território do vazio*. A praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DONEGÁ, Ana Laura. Folhinha e Almanaque Laemmert: pequenos formatos e altas tiragens nas publicações da Tipografia Universal. **Revista do SETA**, Campinas, v. 6, s/n, p. 16-28, 2012.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Uma história dos costumes. V. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. 2 ed. (novo projeto).

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985. 7 ed. (Coleção Documentos Brasileiros, 66 - A) Tomos I e II.

GAZETA DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1811-1819. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/hdb/periodo.aspx>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

LIMEIRA, Aline de Moraes. **Educação particular e publicidade no Almanak Laemmert (1844/1859)**. 2007. 79 p. Monografia (Programa Nacional de Apoio à Pesquisa), Fundação Biblioteca Nacional, Minc. Rio de Janeiro, 2007.

MARTINS, Giselle Barreto. *Antes do biquíni*: evolução da roupa de banho feminina no Rio de Janeiro sob a perspectiva do design (1808 a 1946). 2016. 251 p. Dissertação (Mestrado em Design) – Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 29 mar. 2016.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda*: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX. Brasília: UnB, 2002.

VOLPI, Maria Cristina. *Estilo urbano*. Modos de vestir na primeira metade do século XX no Rio de Janeiro. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018.

